

Regeneração

Robert Reymond

Tradução: Ademir M.

Porque alguns se arrependem e respondem, pela fé em Cristo, às invocações divinas à fé, enquanto outros não? A respeito daqueles que crêem no nome de Cristo, João diz diretamente em João 1:13: “[são estes] os quais não nasceram [*gennēthēsan*] do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus.”¹ Por esta particular alusão à atividade de Deus “fazer nascer”, João refere-se à regeneração, e claramente sugere por sua declaração que, enquanto a fé é a precondição instrumental à justificação e à adoção, a regeneração é a precondição necessária e a causa eficiente da fé em Jesus Cristo. Em resumo, causalmente, a regeneração precede a fé.

Esta ordem seqüencial de “regeneração como a causa, fé em Jesus Cristo como o efeito” é sustentada pelas declarações de Jesus em João 3:3-5. Quando Jesus ensina que apenas aqueles que foram “gerados de cima” (*anōthen*) podem “ver” e “entrar” no Reino de Deus (expressões figurativas para “atividades da fé”), ele seguramente alega que a regeneração é essencial à fé como *causa prius*² da última.

A declaração de João em 1João 5:1: “Todo aquele que crê [*pisteuōn*] que Jesus é o Cristo, é nascido [*gennētai*] de Deus”, também defende a relação seqüencial de causa e efeito entre regeneração, como causa, e fé, como efeito. É verdade que se alguém restringir essa avaliação do significado pretendido por João a este único verso, poderia de modo concebível argumentar que João, nesta referência à regeneração, estava simplesmente dizendo algo mais de uma maneira descritiva, sobre todo aquele que crê que Jesus é o Cristo – que o tal “é nascido de Deus”, mas não necessariamente se entenderia que sugere uma relação de causa e efeito entre a atividade regeneradora de Deus e a fé salvadora; contudo, quando se leva em conta o que João diz em 1João 3:9a, que “qualquer que é nascido [*gennēmenos*] de Deus não comete pecado; porque [*hoti*] a sua semente permanece nele” e, então, em 1João 3:9b que “não pode pecar, porque [*hoti*] é nascido [*gennētai* – mesma palavra em 5:1] de Deus”, nós definitivamente encontramos uma relação de causa e efeito entre a atividade regeneradora de Deus como causa, e o não pecar do cristão como um efeito dessa atividade regeneradora.

¹ Nota do tradutor: Na versão inglesa lê-se – “... os quais nasceram, não por sangue, não por... mas por Deus.”]

² Nota do tradutor: *Causa Prius* é a primeira causa da qual todos os eventos subseqüentes seguem por necessidade causal.

Então, quando mais tarde ele faz a simples afirmação em 1João 5:18 que “todo aquele que é” [em todos os outros lugares onde ocorre, como no Evangelho de João – 3:31; 19:11,23 – *anōthen* significa ‘nascido de cima’] “nascido (*particípio passado*) de Deus, não peca (*presente*)”, apesar de ele não dizê-lo em muitas palavras, é certamente apropriado, por causa de seu padrão anterior de fala em 1João 3:9, entender dele que a causa por detrás do não pecar do indivíduo é a atividade regeneradora de Deus.

O que é significativo em 5:18 para 5:1 é o seu padrão de fala. Quando João declara em 5:1 que todo aquele que crê [*pistaiōn*] que Jesus é o Cristo, é nascido [*gēnētai*] de Deus, é altamente improvável que ele pretendesse simplesmente falar sobre o cristão, em adição ao fato de acreditar que Jesus é o Cristo, que ele tinha também sido nascido de Deus, e nada mais. Seu padrão estabelecido de fala sugere que ele pretendia dizer que a atividade regeneradora de Deus é a causa da crença do indivíduo de que Jesus é o Cristo e, reciprocamente, que tal fé o efeito dessa obra regeneradora.

Quando se adiciona a isto a insistência de Paulo em Efésios 2:1-4 de que ele, e os cristãos de maneira geral, estiveram espiritualmente mortos em suas transgressões e pecados até que Deus, “que é riquíssimo em misericórdia”, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou [*synezōopoiēsen* – termo de Paulo para a regeneração] juntamente com Cristo, não pode ser evitada a conclusão de que a obra regeneradora de Deus deve causalmente preceder a resposta de fé do homem às invocações de Deus à fé. Portanto, regeneração deve se posicionar anterior ao arrependimento para a vida e fé em Jesus Cristo na *ordo salutis* como causa de ambos. Mas, uma vez que Romanos 8:29-30 claramente ensina que glorificação é o último ato na *ordo*, implicando assim, quando Paulo fala antes sobre o chamado, que ele pretendia ensinar a chamada eficaz como o primeiro ato na “série de atos e processos” na *ordo*, pode-se seguramente concluir que regeneração ou segue à chamada ou é a força efetiva dentro da chamada que tornam eficazes as invocações de Deus (argumentarei posteriormente o caso da última possibilidade).

Assim, nós estabelecemos agora a seguinte ordem de aplicação: chamada eficaz, regeneração, arrependimento para a vida e fé em Jesus Cristo, justificação, adoção e glorificação.

REGENERAÇÃO (NOVO NASCIMENTO)

Os dados bíblicos

As divisões dos símbolos de Westminster não oferecem capítulos separados e distintos ou questões sobre regeneração, preferindo tratar essa doutrina, como já apontamos, sob o contexto inserido na chamada eficaz. Todavia, as Escrituras têm muito a dizer sobre essa graciosa obra do Espírito.

Paulo emprega a palavra (*palingenesia*, “regeneração”) em si apenas uma vez com referência à renovação espiritual de um indivíduo: “Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo” (Tito 3:5). Contudo ele elabora a noção doutrinária em outras partes sob a terminologia de (1) ressurreição vivificante com Cristo (Efésios 2:5: “Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo”; Colossenses 2:13: “E, quando vós estáveis mortos e na incircuncisão de vossa carne, vos vivificou juntamente com ele”; veja também Romanos 4:12) e (2) a obra divina da nova criação (2 Coríntios 5:17 “Se alguém está em Cristo, nova criatura é”; Gálatas 6:15: “Mas sim o ser nova criatura”; Efésios 2:10: “Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus”). Pedro e Tiago, como notamos em outro contexto, falam respectivamente de nós sendo por Deus “de novo gerados” (I Pedro 1:23) e, de Deus que “nos gerou” (Tiago 1:18).

Contudo, é particularmente João, seguindo os ensinamentos de Jesus, quem é realmente e em sentido único “o teólogo do nascer do alto”. João recorda o discurso de Jesus sobre o “nascer do alto” [João 3:3, 7 - *gennētai anōthen*] em João 3:1-15, e refere-se 11 vezes a Deus “fazendo nascer” em João 1:13 (“não nasceram do sangue... mas de Deus”), 1João 2:29 (“é nascido dele”), 3:9 (“qualquer que é nascido de Deus”, “é nascido de Deus”), 4:7 (“é nascido de Deus”), 5:1 (“é nascido de Deus”, “ama ao que o gerou”, “ao que dele é nascido”), 5:4 (“todo o que é nascido de Deus”) e 5:18 (“é nascido de Deus”, “de Deus é gerado”).

Seus efeitos

Por essa obra divina, o pecador é recriado em e para novidade de vida, tem a corrupção da pureza de seu coração limpa ou “lavada” (Ez. 36:25-26; João 3:5; Tito 3:5) e é habilitado a “ver” e a “entrar” no reino de Deus pela fé. Ele também é habilitado a crer em Jesus (João 1:12-13), a crer que Jesus é o Cristo (1João 5:1), a amar ao próximo, particularmente a outros cristãos (1João 4:7, 5:1); e a ser reto e a evitar a vida de pecado (1João 3:9; 5:18).

É Monergismo Divino

Jesus ensinou expressamente o monergismo divino na regeneração ao declarar: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer.” [*helky sē*] (João 6:44), “Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu, vem a mim.” (João 6:45), e “Ninguém pode vir a mim, se, por meu Pai, não lhe for concedido.” (João 6:65). Da analogia que foi retirada entre a operação natural do evento e a obra regeneradora do Espírito (João 3:8), Jesus ensinou, além da factualidade (“o vento assopra”) e eficácia (“ouves a sua voz”), também a soberania (“o vento assopra onde quer”) e o mistério inescrutável (“mas não sabes de onde vem, nem para onde vai”) da obra regeneradora do Espírito. E,

enquanto Jesus declara que o “nascer de cima” é absolutamente necessário (*dei*) para a fé (João 3:7), ele nunca prega o “nascer de cima” na forma imperativa, como se seu ouvinte pudesse com seu próprio poder produzi-lo. Por essa metáfora de um “nascimento de cima” para descrever a obra vivificante do Espírito, Jesus destacou seu monergismo divino. J.I. Packer observa:

Crianças não induzem, ou cooperam para a sua própria concepção e nascimento; nem sequer podem aqueles que estão “mortos em pecados e transgressões” iniciarem a vivificante obra do Espírito de Deus em seu interior (ver Efésios 2.1-10). Vivificação espiritual para o homem é um livre e misterioso exercício de poder divino (João 3:8), explicado não em termos de combinação ou cultivo de atributos humanos existentes (João 3:6), nem causado ou provocado por esforços humanos (João 1:12-13) ou méritos (Tito 3:3-7) e não pode, portanto, ser equiparado com ou ser atribuído a qualquer das experiências, decisões e atos dos quais ele dá surgimento e pelos quais pode ser conhecido que tomou lugar.

A metáfora de Jesus aponta para o quanto errônea é a construção sinérgica arminiana da regeneração, a qual faz a renovação espiritual do homem dependente da sua cooperação com a graça, bem como a visão liberalista da redenção, que nega a necessidade conjunta da graça proveniente. Regeneração é a precondição do arrependimento para a vida e a fé em Jesus Cristo; não é dependente destes para seu aparecimento na vida cristã.

Resumo da Doutrina

Regeneração não é a substituição da essência do homem caído por outra essência, nem a simples troca em uma ou mais das faculdades de natureza espiritual decaída, nem é o aperfeiçoamento da natureza espiritual decaída. Em vez disso, é a implantação subconsciente do princípio da nova vida espiritual na alma, efetuando uma mudança instantânea no homem todo, intelectual, emocional e moralmente, habilitando o pecador eleito a responder em arrependimento e fé, à proclamação externa ou pública do Evangelho dirigida ao seu entendimento consciente e vontade. Não há palavras fora da Bíblia que tenham capturado melhor tanto o monergismo divino quanto os efeitos inevitáveis da obra regeneradora do Espírito, do que o seguinte verso do célebre hino de Charles Wesley: “E deveria eu poder receber”

Jazia a minh´alma em uma longa prisão
Em inata noite e em pecado atada;

De seu olho, despertou-me raio em difusão,
Acordei, em lume a cadeia inflamada;

Caiu-me o grilhão, de coração livre,
Eu levantei, em frente fui, e o segui.

Tudo isto está ilustrado no caso de Lídia, sobre a qual Lucas escreve:
“Lídia nos escutava, enquanto o Senhor abriu-lhe o coração para atender às coisas sobre as quais Paulo falava.” (Atos 16:14)

Fonte: Excertos de *A New Systematic Theology of the Christian Faith 2nd Edition*, dr. Robert L. Reymond, pg. 709.